

Entre disfarces e negociações: uma análise introdutória da personagem Enola Holmes nas páginas e na tela¹

Paula Beatriz Coelho Domingos Faria²
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

O trabalho propõe-se a desenvolver uma análise comparativa entre o primeiro livro da série *Enola Holmes* e sua adaptação audiovisual, destacando algumas transformações narrativas e temáticas sob a ótica teórica dos Estudos Culturais, com foco nas identidades fluidas e no processo de negociação identitária. O objetivo é compreender de que maneira o filme, ao adaptar a obra literária, suaviza críticas sociais e modifica elementos-chave da narrativa, como a recusa de Enola em se vestir como menino, a presença ou ausência de um romance adolescente e a forma como a maternidade é retratada.

Palavras-chave

Adaptação audiovisual; deslocamento identitário; Enola Holmes; Estudos Culturais; narrativas policiais.

Introdução e metodologia

Com direção de Harry Bradbeer, roteiro de de Jack Thorne e a atriz Millie Bobby Brown como protagonista, o primeiro filme da série *Enola Holmes* foi lançado pela Netflix em 2020, adaptando livremente o romance da série literária homônima de Nancy Springer, *O Caso do Marquês Desaparecido* (*The Case of the Missing Marquess*, 2006). As duas obras retratam a história de Enola, irmã mais nova do famoso detetive Sherlock Holmes, em sua busca pela mãe desaparecida. A personagem é apresentada ao público após o avanço do chamado romance policial feminino que, partindo da detetive amadora Miss Marple (de Agatha Christie), teve seu auge a partir da década de 1970 (Coutinho, 1994).

Nesse contexto, o presente resumo engloba os passos iniciais de uma análise comparativa entre o primeiro livro da série Enola Holmes e sua adaptação audiovisual, com recorte delimitado a partir da identificação de mudanças impactantes promovidas no filme em relação ao perfil da protagonista e ao enredo original. A análise descritiva e crítica das duas obras, sob a ótica dos Estudos Culturais, segue uma abordagem qualitativa

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestra em Comunicação e Sociedade e Especialista em TV, Cinema e Mídias Digitais pela mesma universidade.

e de natureza interpretativa, com o objetivo de compreender as transformações narrativas e temáticas ocorridas na transposição do texto literário para o cinema.

Fundamentação teórica

As considerações de Hall (2006) possibilitam a compreensão de Enola como uma representação do deslocamento identitário. As tensões entre identidade e poder evidenciam-se a partir do trânsito entre diferentes papéis sociais, como o de jovem dama, filha em busca da mãe, irmã do célebre detetive, investigadora independente, além dos disfarces aos quais ela recorre. Como demonstra Hall, as identidades não são estáveis nem fixas, mas sim construídas discursivamente, em contextos históricos e sociais marcados por disputas e negociações.

Enola negocia a imagem de si mesma no romance e no filme, mas na pós-modernidade (Hall, 2006; Hutcheon, 1991), os padrões comportamentais estabelecidos, embora questionados, não são modificados de forma pacífica, já que a questão identitária sempre envolve relações de poder (Woodward, 2009). Nesse sentido, efeitos de uma campanha conservadora contra o feminismo iniciada nos anos 1990 (Moi, 2006) podem estar associados à suavização das críticas sociais e às mudanças no tratamento das questões de gênero, considerando o maior alcance da mídia audiovisual.

Análise

Uma das mudanças significativas na história de Enola diz respeito à idade da personagem no momento do desaparecimento da mãe: no romance, ela tem 14 anos; no filme, 16. A produção do filme evita as discussões sobre a suposta negligência materna em oposição à ideia da maternidade como obrigação feminina a ser questionada. No romance, a relação entre mãe e filha é constantemente ressignificada, com a abordagem tanto do afeto quanto dos conflitos. No filme, a ausência da mãe é pouco problematizada, já que Enola consegue encontrá-la e as duas se unem em seus propósitos, com uma conformação entre o desejo de liberdade feminina e as obrigações impostas pelo patriarcado.

Outro aspecto divergente é a questão dos disfarces e da performatividade de gênero. No filme, Enola se veste como menino para fugir, mas no livro ela recusa essa

possibilidade. Ou seja, a personagem literária define sua identidade a partir da oposição ao sistema, mantendo a feminilidade a todo custo. Já a Enola das telas aceita temporariamente o papel masculino para garantir sua liberdade.

O filme também introduz um interesse romântico entre Enola e o marquês de Basilwether, mudando significativamente o foco narrativo e tornando-o mais próximo dos papéis femininos tradicionais. Enola chega a confrontar o irmão dizendo que não deseja se casar. Mas ao se envolver com o marquês, ela cria laços contrastantes com o perfil independente da personagem literária.

Por fim, nos livros há uma abordagem pormenorizada das desigualdades sociais. Enola, ao chegar a Londres, demonstra espanto com a miséria que observa nas ruas. Essa retratação é atenuada no filme, que pincela as questões sociais, mas opta por uma ambientação mais leve, evitando o aprofundamento de temas potencialmente incômodos para a audiência.

Considerações finais

As mudanças observadas na adaptação audiovisual atuam como estratégias de mediação entre discursos subversivos e estruturas dominantes de representação. O filme, como produto cultural, conta com elementos progressistas, mas os insere em uma lógica narrativa que não rompe com os valores tradicionais: estão presentes a busca pelo amor, os vínculos fraternais e a suavização de tensões políticas.

Temos, assim, uma conformação simbólica, já que o filme ajusta o tom, a estrutura narrativa e as relações afetivas da protagonista, adequando o conteúdo às expectativas de um público mais amplo e diversificado. Enola continua representando a resistência feminina, mas também incorpora traços conciliadores com o sistema patriarcal.

Referências

COUTINHO, Sonia. **Rainhas do crime**: ótica feminina no romance policial. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MOI, Toril. **I am not a feminist, but...**: how feminism became the F-word. PMLA, v. 121, n. 5, p. 1735-1741, out. 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.